

UNIFACCAMP – Centro Universitário Campo Limpo Paulista

Rádio, TV e Internet

GABRIELA VIANA

KAIO IGNÁCIO

MAYARA RAMIRES

NADINE ARIADNE

DRAG QUEEN: A PROFISSÃO

Campo Limpo Paulista

2018

UNIFACCAMP – Centro Universitário Campo Limpo Paulista

Rádio, TV e Internet.

GABRIELA VIANA, 23196

KAIO IGNÁCIO, 23214

MAYARA RAMIRES, 22505

NADINE ARIADNE, 22504

DRAG QUEEN: A PROFISSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UNIFACCAMP como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em nome do curso de Rádio, TV e Internet. Orientação metodológica – Prof. Esp. Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento e orientação específica – Prof. Caio Tulio Padula Lamas.

Campo Limpo Paulista

2018

DRAG QUEEN: A PROFISSÃO

Aprovado em: _____ de _____ de 20_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento

Prof. Caio Tulio Padula Lamas

Convidada. Aline Silva de Senzi

Campo Limpo Paulista

2018

Aos nossos pais, familiares, amigos e professores que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram nos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Deus, por ter nos dado força e coragem para enfrentar e superar as dificuldades durante todo o percurso, sem nos deixar desistir.

À nossa orientadora metodológica, Prof. Especialista Maria Auxiliadora Mendes do Nascimento

Ao nosso orientador específico, Prof. Caio Tulio Padula Lamas, pelo acompanhamento, orientação e amizade.

Aos professores envolvidos durante toda a trajetória, aos amigos e familiares pelo apoio e incentivo.

Ao Curso de Rádio, TV e Internet, do Setor de Comunicação Social do Centro Universitário de Campo Limpo Paulista - UNIFACCAMP.

*“Todos nós nascemos nus, o resto é Drag”-
RuPaul*

RESUMO

O nosso Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo mostrar o universo das Drag Queen, realçando principalmente a ascendência de seu talento e sua arte, abordando questões profissionais, políticas e culturais. Realçar, de fato, o processo de transformação, que está ganhando cada vez mais espaço na sociedade e nas mídias.

Palavras Chave: Drag Queen; Ascendência; Arte; Mídia.

ABSTRACT

Our Course Completion Work aims to showcase the Drag Queens universe, highlighting primarily the ascendancy of their talent and their art, addressing professional, political and cultural issues. Realizing, in fact, the process of transformation, which is gaining more and more space in society and in the media.

Keywords: Drag Queen; Ancestry; Art; Media

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 LOGOTIPO DA PRODUTORA.....	1
Imagem 2 Show de Calouros	11
Imagem 3 Nany People.....	12
Imagem 4 Cílios postiços	12
Imagem 5 Peruca Full Lace.....	13
Imagem 6 Peruca Front Lace	13
Imagem 7 Unhas postiças.....	14
Imagem 8 Cola para unhas postiças	14
Imagem 9 Choker.....	15
Imagem 10 Batom.....	15
Imagem 11 Salto alto	16
Imagem 12 Kit pincel.....	16
Imagem 13 Glitter.....	17
Imagem 14 Molde para desenhar a sobrancelha	17
Imagem 15 Parada LGBT	22
Imagem 16 Parada LGBT	22
Imagem 17 Parada LGBT	22
Imagem 18 "a parada não é só gay" PARADA LGBT	23
Imagem 19 Divora Laffay	62
Imagem 20 Divora Laffay e Nadine.....	62
Imagem 21 Drag Divora Laffay.....	63
Imagem 22 Drag Marcus Firens.....	63
Imagem 23 Drag Marcus Firens.....	63
Imagem 24 Drag Angel Skin.....	64
Imagem 25 Drag Angel	64
Imagem 26 Angel Skin	65
Imagem 27 Bastidores da Ignis na parada LGBT.....	65
Imagem 28 Drag Vermelha Parada LGBT	66
Imagem 29 Bruxa Drag, Parada LGBT	66
Imagem 30 Drag Fada Vermelha- PARADA LGBT	67
Imagem 31 Drag Espinho, Parada LGBT.....	67
Imagem 32 As Amigas Drag Queen, Parada LGBT.....	68
Imagem 33 Filme "Dream Boat" (2017).....	68
Imagem 34 Filme "Divinas Divas" (2016).....	69
Imagem35 Documentário "Paris In Burning" (1990).....	69
Imagem 36 Documentário "Entreatos" (2004).....	70
Imagem 37 Livro "Introdução ao Documentário" Bill Nichols (2001).....	70

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 Paleta de cores Divora.....	60
Ilustração 2 Paleta de cores Firens.....	61
Ilustração 3 Paleta de cores Angel.....	61

LISTA DE FOTOS

Foto 1 Gabriela Viana	2
Foto 2 Kaio Ignácio	3
Foto 3 Mayara Ramires.....	4
Foto 4 Nadine Ariadne	5
Foto 5 entrevistado Kaio Verdille.....	24
Foto 6 entrevistado Marcus Firens.....	25
Foto 7 entrevistado Fernando Leonardo	26

LISTA DE TABELA

Tabela 1 Mapa de produção.....	56
Tabela 2 Mapa de transporte	57
Tabela 3 Mapa de transporte	57
Tabela 4 Ordem do dia 1.....	Erro! Indicador não definido.
Tabela 5 Ordem do dia 2.....	Erro! Indicador não definido.
Tabela 6 Ordem do dia 3.....	Erro! Indicador não definido.

Sumário

1. PRODUTORA.....	1
1.1. IGNIS produções.....	1
1.2. Equipe.....	2
1.3. Produções.....	5
2. PROPOSTA DE PRODUÇÃO	7
2.1. Apresentação	7
2.2. Objetivo.....	7
2.3. Formato	7
2.4. Público-Alvo	8
2.5. Justificativa	8
3. DRAG QUEEN	9
3.1. Definição de Drag Queen.....	9
3.2. Orientação de gênero	9
3.3. Drag Queen não são apenas homens montados	Erro! Indicador não definido.
3.4. O Termo Drag Queen	Erro! Indicador não definido.
3.5. O Profissional Drag Queen	10
3.6. Visão nacional de uma Drag Queen.....	11
3.7. Valores para uma Drag Queen.....	12
3.8. Dicionário Drag Queen.....	18
3.9. DragQueen não é travesti e nem transgênero.....	19
3.9.1. Transgênero:	20
3.9.2. Travesti:.....	20
3.9.3. Parada LGBTQ+.....	20
3.10. Perfil de cada entrevistado.....	23
4. Produção audiovisual: O Documentário.....	26

4.1.	Roteiro	27
4.2.	Mapa de Iluminação.....	55
4.3.	Mapa de Produção.....	55
4.4.	Mapa de Transporte.....	56
4.5.	Ordem do Dia.....	57
4.6.	Direção de Fotografia.....	62
4.6.1.	Imagens Divora Laffay.....	62
4.6.2.	Imagens Firens.....	63
4.6.3.	Imagens Angel Skin.....	64
4.7.	Bastidores da IGNIS na parada LGBT	65
4.7.	Fotografias Parada LGBT (IGNIS)	65
4.8.	Referências.....	68
5.	Considerações Finais	71
6.	Bibliografia.....	72

1. PRODUTORA

1.1. IGNIS produções



Imagem 1 LOGOTIPO DA PRODUTORA

A IGNIÇÃO PARA SUAS IDEIAS

A IGNIS é uma produtora audiovisual que trabalha na produção de projetos independentes de entretenimento para variados formatos de tela.

A palavra “ignis” no latim significa “fogo”. Nosso nome foi pensado para sintetizar como gostamos de ver nossos projetos: pegando fogo! O fogo simboliza a vida, a intuição, a força de vontade. A palavra “ignis” também dá origem à palavra “ignição”, que é o processo que inflama um material combustível. No nosso caso, o material combustível são as ideias e a ignição é ter essas ideias colocadas em prática em forma de produções audiovisuais! Nosso compromisso é fazer com que esse combustível entre em combustão e se transforme em um trabalho excitante, bem feito e profissional. Nossas cores são o vermelho e o laranja, cores quentes como nossos projetos. O vermelho passa todo o entusiasmo e a paixão por nosso trabalho. Já o laranja transmite modernidade, diversão, inovação que são pilares nos quais nos baseamos para dar vida aos nossos projetos.

1.2. Equipe



Gabriela Viana – Assistente de Direção de Fotografia, Câmera, Áudio, Sonoplastia, Pesquisa e Locução

Gabriela Viana, 21 anos, sempre gostou de escrever e, na maioria das vezes, com as palavras certas. Coursou dois anos de jornalismo, convicta de que ficar na frente das câmeras seria a melhor opção, mas, conforme o passar do tempo, percebeu que ficar por trás delas é sua maior paixão. Trocou então para o curso de Rádio, TV e Internet, onde teve o prazer de fazer parte do melhor grupo. Participou da Rádio Pirata, produziu os programas “No Ato da Paranoia”, “Acontecido no Parque do Rei”, “Better Talk May”, “Entendendo o Roteiro”, “Dignity 0” e o stop motion “A Falta”. Durante os quatro anos de curso, Gabriela tem certeza de duas coisas que levará para a vida toda: a experiência e os amigos.



Kaio Ignácio – Roteirista, Assistente de Produção e Pesquisa

Kaio Ignácio, 21 anos, teve sua paixão profissional revelada ainda quando criança, onde começou a se interessar pelo universo da televisão. Criar e escrever sempre foram o a sua paixão. Começou escrevendo para um programa de entretenimento chamado “Cine G” (2015). Produziu comerciais institucionais da UNIFACCAMP (2016), os curta metragens “No Ato da Paranoia” (2016), “Acontecido no Parque do Rei” (2017) e o stop motion “A Falta” (2018). Dirigiu o programa de entretenimento “Better Talk May” em suas versões para televisão em 2017 e radiofônica em 2018. Apresentou um vlog sobre roteiro “Entendendo o Roteiro” (2016) e sobre características técnicas do filme Cidade de Deus, também em 2016. Escreveu durante um ano o programa de rádio “Rádio Pirata” (2016-2018), a esquete “Está Fumando Maconha?” (2017), o programa televisivo “Better Talk May” (2017), a sitcom “Dignity 0” (2018) para a versão televisiva e radiofônica.



Mayara Ramires – Produtora, Sonoplastia, Pesquisa, Repórter e Entrevistadora.

Mora atualmente em Cajamar, solteira, tem 22 anos e já realizou trabalhos acadêmicos nos quais foi atriz, apresentadora, roteirista, produtora, diretora, cinegrafista, operadora de câmera e técnica de áudio. No TCC, irá participar da produção, entrevista e finalização. Foi apresentadora do programa de talk show “better talk may” em duas edições, sendo uma para rádio e outra para televisão, interpretou Alexandra em “no ato da paranóia”, Joana na esquete “está fumando maconha?” e Diná na sitcom “Dignity 0”. Foi locutora no programa de rádio do drops faccamp “rádio pirata”. Mayara pretende seguir carreira na área de dublagem.



Foto 4 Nadine Ariadne

Nadine Ariadne – Diretora, Câmera, Áudio, Editora, Finalizadora e Pesquisa

Nadine Ariadne nunca soube muito bem o que queria da vida, passou por atriz, veterinária, professora, escritora, fotografa... E estacionou em direção audiovisual. Quis fazer cinema, mas por idas e vindas, acabou optando por Rádio e TV, ingressando logo sair do ensino médio, em 2015.

No primeiro ano da faculdade, "fundou" a produtora acadêmica IGNIS Produções com seus colegas, produtora essa que assina em todos os trabalhos desde então. Em 2015 apresentou o programa "Cine G", dirigiu o programa de rádio "Pop Zone" e o documentário "Cinema em Sala de Aula". Em 2016, dirigiu os documentários "Abrigo do Jello", "Legalize já?" e foi diretora de arte do curta "Desencontro". Em 2017, dirigiu os comerciais institucionais da FACCAMP que tratavam sobre os produtos de comunicação, o Drops, o Jornaleiro e a C3TV, dirigiu o curta "Acontecido no Parque do Rei" foi câmera no curta "No Ato da Paranóia" e produção, câmera e edição no talk show "Better Talk May" e dirigiu a esquete "Está Fumando Maconha". No ano de 2018, dirigiu a versão radiofônica do talk show "Better Talk May" e dirigiu a sitcom "Dignity 0". Dos anos 2016 ao primeiro semestre de 2018 participou da "Rádio Pirata" no Drops FACCAMP, como roteirista, apresentadora, locutora e diretora.

1.3. Produções

- Pop Zone: Programa de entretenimento (06/2015)
- Campanha antidrogas: Vídeo institucional (09/2015)
- Cine G: Programa de entretenimento (10/2015)
- Cinema em Sala de Aula: Documentário (11/2015)
- Rádio Pirata: Programa de entretenimento (02/2016 – 06/2018)
- Marcha da Maconha: Documentário (05/2016)
- Abrigo do Jello: Documentário (10/2016)
- Entendendo o Roteiro: Vlog (11/2016)
- A Falta: Stop Motion (06/2017)
- Desmontando o Roteiro – Cidade de Deus: Vlog (06/2017)
- O Filho do Chucky – Versão Comédia: Vlog (06/2017)
- Better Talk May: Talk show - Versão para televisão (11/2017)
- No Ato da Paranoia: Curta metragem (11/2017)
- Dignity 0: Sitcom - Versão para televisão (06/2018)
- Dignity 0: Sitcom – Versão para rádio (06/2018)
- Better Talk May: Talk show – Versão para rádio (06/2018)
- Aquarela: Stop motion (10/2018)
- Olho Mágico: Curta metragem (12/2018)

2. PROPOSTA DE PRODUÇÃO

2.1. Apresentação

O documentário “A Profissão: Drag Queen” irá abordar a temática da profissão de uma drag queen com três principais entrevistadas, mostrando seu lado artístico e profissional. Os entrevistados serão abordados de forma descontraída, deixando-os em confortáveis do que pensar e dizer. Iremos documentar a drag queen com questões pessoais, artísticas e profissionais. Iremos abordar a drag queen no nosso trabalho, tanto na escrita quanto no documentário, como “expressão de gênero”. O produto audiovisual terá a duração de 15 minutos e será divulgado em plataformas sociais, como Facebook e YouTube.

2.2. Objetivo

O objetivo do nosso trabalho de conclusão de curso é representar perante a realidade o que uma drag queen vive e enfrenta nessa forma de arte ainda muito cheia de tabus¹. Ao abranger esse tema, abordaremos também as questões políticas, sociais e profissionais. Através do documentário, temos como propósito, mostrar uma visão a partir das nossas entrevistadas e atingir o público com novas perspectivas.

2.3. Formato

O formato do nosso TCC é documentário. Nossa referência utilizada é proposta por Bill Nichols, em seu livro: “Introdução do Documentário” (2001); Neste livro ele defende a voz de cada documentário, impondo estilos de produção com o que cada um tem a oferecer. Os seis estilos propostos por Bill Nichols foram o Modo Poético, Modo Expositivo, Modo Participativo, Modo Reflexivo e Modo Performático. Vamos elaborar o produto audiovisual através do modo performático, onde ele diz que: “ele nos convida, como fazem todos os grandes documentários, a ver o mundo com novos olhos e a repensar a nossa relação com ele” (Pág. 167; Introdução ao Documentário;

¹Tabu geralmente se refere a uma proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável.

Bill Nichols), seguindo também com a ideia de tratar questões sociais complexas. O modo performático se inclui de maneira mais direta no nosso documentário, pois ele se caracteriza por um padrão estético mais livre. Esse modo faz com que busquemos em cada entrevistado suas características subjetivas através dos depoimentos das suas experiências de vida. O performático busca prender a atenção do espectador através de sentimentos, de questões que fazem repensar, e partir daí, explorar novas visões da sociedade. Esse modo proposto por Bill Nichols é caracterizado por vídeo-arte, cinema experimental e vanguarda, justamente o que o nosso documentário traz em sua produção audiovisual.

2.4. Público-Alvo

2.5. Justificativa

3. DRAG QUEEN

3.1. Definição de Drag Queen

Drag queen são homens que se montam com roupas e acessórios extravagantes para apresentações em eventos de forma performática, artística, caricata e profissional. Mesmo estando incluso na categoria LGBTQ+ ela não se enquadra em questões de identidade de gênero ou orientação sexual. (G1.com, 2017) Drag queen pode ser também denominado como transformista, pois tem a intuição de trabalhar com questões artísticas.

3.2. Identidade de gênero

Vamos começar falando sobre gênero. Este que cria várias questões naqueles que ousam falar do tema. Gênero foi criado para formular uma diferença entre dimensão biológica e dimensão social, há uma citação que diz: “homem e mulher são construções sociais e não comportamentos “naturais” decorrentes das diferenças entre sexos biológicos” (CARTILHA DA DIVERSIDADE SEXUAL E A CIDADANIA LGBT, pág. 17). Identidade de gênero é como uma pessoa se identifica, ela pode transitar entre o gênero feminino, masculino ou uma combinação entre esses dois gêneros.

3.3. O Termo Drag Queen

Vamos começar com definições separadas dos termos. A palavra “Queen” tem origem na língua inglesa, sua tradução literal significa “Rainha”. A palavra “Queen” é um título de nobreza importante da sociedade monárquica², o oposto para o masculino é a palavra “King”, com a tradução de “Rei”. A palavra também é usada como gíria em países americanos e aos poucos, conquistou o Brasil. Palavras como “Queen Bee” e “Drama Queen”.

As drag queens são do gênero masculino que se vestem com roupas extravagantes e maquiagens caricatas para apresentar seu trabalho artístico em casas noturnas,

²Aquela em que todo o poder se concentra nas mãos do monarca, sem outras restrições a não ser as leis fundamentais da nação. Ex de países: Espanha, Japão, Holanda, Arábia Saudita (...) (DICIONÁRIO INFORMAL, 2018)

discotecas, eventos, shows. Geralmente, essas apresentações são para o público LGBTQ+. Esses profissionais também recebem o nome de “Rainhas da Noite”.

A orientação sexual não interfere nesse profissional, tanto que existem heterossexuais que realizam esse espetáculo artístico, criando traços femininos e tudo que compõe uma drag queen.

O ramo de trabalho também é aberto para “Drag King”, são mulheres que se montam com vestes e acessórios rotulados para o gênero masculino e realizam apresentações. Esses espetáculos seguem uma mesma linha de apresentação da drag queen.

Drag queen e drag king são profissionais que sofrem preconceito, visões distorcidas da sociedade e julgamentos sem fundamentos. A profissão artística ainda está em constante evolução.

3.4. O Profissional Drag Queen Brasileiro

Geralmente no Brasil o profissional drag queen nem é reconhecido como um trabalhador. A sociedade os rotula como gays, enrustidos, travestis, transexuais ou como um ato de “se mostrar”. Só quem vive como drag queen sabe como é difícil encontrar espaço na sociedade cada vez mais preconceituosa.

A realidade é que ela se tornou uma profissão que enaltece a arte, quebra atos políticos e transforma a nossa sociedade.

Os locais que se encontram as drag queens fazendo seu trabalho são em casas noturnas, lá elas cantam, dançam, interpretam, performa, bate cabelo, entre outras apresentações artísticas. Atualmente no Brasil podemos ver como as drag queens ganharam espaço no quadro profissional, principalmente no cenário musical brasileiro. Ao pesquisarmos nomes como “Pabllo Vittar”, “Gloria Groove”, “Lia Clark”, “Aretuza Lovi”, entre outras, podemos ver a potência que suas músicas e clipes chegaram, ganhando espaço na internet e visibilidade na televisão. (GENTE.IG.COM.BR, 2017) As mídias ajudam a esses nomes e essa expressão de gênero a crescerem cada vez mais no país. O profissional não sobrevive apenas de apresentações artísticas, podemos ver uma grande maioria trabalhando em ramos como maquiagem, animadora de programas de televisão e YouTube.

3.5. Visão Nacional de uma Drag Queen

O Brasil atualmente vive um colapso em questões de diferenças na sociedade. A drag queen no país já teve seus altos e baixos, em anos passados já existiram drag queen em rede nacional, elas apresentavam, cantavam e participavam de programas de auditório de grande audiência, como o Show de Calouros (1977 – 1996) onde artistas drag queens apresentavam suas performances no palco. Elas também já encararam papéis de grandes sucessos. Os palcos são os campos de trabalho de uma drag queen, por isso elas se encontram em peso nas boates LGBTQ+, pois é lá que se concentra o maior público alvo de uma drag. Paradas LGBTQ+ também é um local onde demonstram sua arte. A noite carioca é um exemplo de quebra de tabus, elas não apenas dublam divas pop como Beyoncé, Britney Spears e Maria Carey, mas aparecem em desfiles de moda como modelos, em aniversários como animadora, casamentos (heterossexuais e homossexuais), entre outros serviços em que elas podem mostrar a sua arte. Infelizmente nem tudo são flores, o país ainda enfrenta um questionamento do diferente, então para muitos, a drag queen é apenas um homem que se veste de mulher para se mostrar, se prostituir, tendo uma visão errada sobre quem realmente são essas belezas da arte.



Imagem2 Show de Calouros



Imagem3 Nany People

3.6. Valores para uma Drag Queen

Para tornar-se uma Drag Queen ou para melhorar a personagem já existente, segue um guia de apetrechos necessários para a montagem com valores baseados no mercado atual: (as lojas e os valores foram pesquisados de modo livre sem intuição de locais especializados ao público drag queen)

- Cílios postiços gigantes (R\$ 20.90)



Imagem4 Cílios postiços

(Loja virtual: Mais Vaidosa)

(maisvaidosa.com.br, 2018)

- Peruca Full Lace (cabelo humano) (média: R\$2.700,00)



Imagem5 Peruca Full Lace

(Loja virtual: Central dos Cabelos)

(centraldoscabelos.com.br, 21h00, 21/06/18)

- Peruca Front Lace (média: R\$ 500,00)



Imagem6 Peruca Front Lace

(Loja virtual: Central dos Cabelos)

(centraldoscabelos.com.br, 21h00 21/06/2018)

- Unhas postiças (R\$ 29,90)



Imagem7 Unhas postiças

(Loja virtual: Beleza na Web)

(belezanaweb.com.br, 21h00, 21/06/2018)

- Cola para unhas postiças (R\$ 8,00)



Imagem 8 Cola para unhas postiças

(Loja virtual: Ikesaki Cosméticos)

(ikesaki.com.br, 21h00, 21/06/2018)

- Choker (R\$22,90)



Imagem9 Choker

(Lojas Renner)

(lojasrenner.com.br, 21h00, 21/06/2018)

- Batom (média: R\$ 40,00)



Imagem10 Batom

(oBoticário)

(boticario.com.br, 21hh00, 21/06/2018)

- Salto alto (média: R\$ 300,00)



Imagem 11 Salto alto

(Loja virtual: Domínio da Moda)

(dominiodamoda.com.br, 21h00, 21/06/2018)

- Kit pincel (R\$ 36,90)



Imagem12 Kit pincel

(oBoticário)

(boticário.com.br, 21hh00, 21/06/2018)

- Glitter (R\$ 17,90)



Imagem13 Glitter

(Loja virtual: Kalunga)

(kalunga.com.br, 21h00, 21/06/2018)

- Molde para desenhar a sobrancelha (R\$ 4,00)



Imagem14 Molde para desenhar a sobrancelha

(Mercado Livre)

(mercadolivre.com.br, 21h00, 21/06/2018)

3.7. Dicionário Drag Queen

Termos e palavras foram criados ou ganharam novos significados ao serem adotados pelas drag queen. (G1.com, 2017)

- Acuendar: o ato de esconder o pênis para não marcar volume na roupa.
- Bate cabelo: dança criada por “drags” brasileiras em que movimentos rápidos são feitos com a cabeça, mostrando o movimento feito pelos cabelos soltos. Normalmente é realizado no ápice da apresentação.
- Babado: fofoca ou novidade.
- Boy magia: homem bonito, atraente e desejado
- Dublagem: movimentar a boca sem emitir som para fingir ter a voz de cantoras ou cantores pop em apresentações.
- Diva: musas ou musos inspiradores de drag queen.
- Death drop: movimento em que a drag queen dobra uma das pernas e deixa a outra esticada, se jogando no chão. A sensação é de que a artista está se “jogando para a morte”, por isso o nome do passo em inglês. É muito usado em fim de apresentações.
- Enchimento: pedaços de espuma colocados em pontos estratégicos para imitar o formato do corpo feminino.
- Fishy: drag que visa ficar o mais parecido possível com o estereótipo feminino.
- Gongar: zoar, falar mal ou criticar algo.
- Hino: música com grande significado emocional para a drag.

- Kai Kai: quando duas drag montadas se beijam ou namoram.
- Lacre e tombamento: atitude poderosa ou quando alguém vai muito bem em alguma atividade.
- Lace: tipo de peruca com rede para dar ilusão de que o cabelo falso realmente sai da cabeça.
- Picumã: peruca.
- Mamma: drag mais velha e experiente que ajuda drag mais inexperientes
- Montação: processo de aplicar maquiagem e roupas para assumir a persona drag.
- Neca: pênis
- Shade: comentário maldoso e indireto.
- Vogue: dança em que passos imitam as poses geométricas das modelos em capas de revista de moda, especialmente na publicação 'Vogue'. Surgiu nos EUA e é amplamente difundida em baladas para o público gay. A coreografia para a música 'Vogue', da cantora Madonna, foi inspirada neste estilo.
- Queen: abreviação de drag queen.

3.8. Drag Queen não é travesti e nem transgênero

A drag queen é uma performance³ temporária, sem ligação com a orientação sexual⁴. Já a pessoa transgênero e travesti lida com questões da própria identidade.

3.8.1. Transgênero:

3.8.2. Travesti:

3.8.3. Parada LGBTQ+

³Modo como alguém se comporta ou atua na execução de alguma coisa (DICIO, 2018)

⁴Uma expressão muitas vezes chamada de sexualidade, que exprime quais as condições de uma pessoa para sentir atração sexual por alguém, ou, ocasionalmente, qual a relação que uma pessoa tem com a atração sexual e/ou com relações sexuais. (ORIENTANDO, 2018)

A história começou em 28 de junho de 1969, em Stonewall Inn, Greenwich Village, nos Estados Unidos. A rebelião de Stonewall deixou um marco na história, pois foi quando gays, lésbicas, travestis e drag queen saem a rua em busca de respeito por quem eles são. Durante seis dias essas pessoas ganharam espaço nas ruas e se manifestaram contra ações violentas da polícia em cima de bares gays da cidade de Nova Iorque. O dia 28 de junho é marcado pelo Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+. O movimento no Brasil chegou em momentos tensos da nossa história, em meio a ditadura militar (1964-1985) na década de 70, os jornais *“Lampião da Esquina”* e *“Chana com Chana”* abordava questões que envolvem a homossexualidade de modo aberto. O *“Lampião da Esquina”* foi fundado em 1978 e tinha como fundamento abordar questões sociais e em foco sobre os homossexuais. O *“Chana com Chana”* foi fundado em 1981, o jornal mantinha o mesmo foco do Lampião da Esquina, só que com destino as mulheres homossexuais. O jornal teve um marco muito grande já que no dia 19 de agosto de 1983 as mulheres fizeram um ato político no Ferro’s (bar aonde o jornal era veiculado) pela recusa dos donos do estabelecimento de continuarem a veiculação do mesmo. Essa data é comemorado o Dia do Orgulho Lésbico. (guiadoestudante.abril.com.br, 2018). A parada LGBTQ+ de São Paulo que ocorre no Brasil começou em 1997, na época a Avenida Paulista juntou cerca de duas mil pessoas. Agora em 2018 além de milhares de pessoas comparecerem, as pautas são completamente mais variadas, abordando vários temas em prol da comunidade. (vice.com, 2018)



Imagem15 Parada LGBT



Imagem 16 Parada LGBT



Imagem 17 Parada LGBT



Imagem 18 "a parada não é só gay" PARADA LGBT

3.9. Perfil de Cada Entrevistado

As nossas entrevistadas drag queen foram a chave essencial para o nosso documentário. Através delas nós adquirimos conhecimento sobre esse universo de drag queen. A ficha técnica serve para nos mostrar quem é cada humano e cada personagem entrevistado para o nosso documentário.

FICHA TÉCNICA—KAIO VERDILE



Foto 5 entrevistado Kaio Verdille

NOME: Kaio da Silva Verdile

IDADE: 24

PROFISSÕES: Maquiador e Hair Stylist

HOBBIES: Maquiagem artística, atuação, confecção de figurinos, dança, etc.

RESUMO DE QUEM É KAIO VERDILE: Um mix das artes que são o meu maior amor me faz ser como sou. Um tanto quanto louco e muito focado, não gosto da falta de comprometimento das pessoas com um assunto tão sério quanto à falta de cultura e arte na educação básica do ser humano

NOME SOCIAL (DRAG QUEEN): Divora Laffay

TEMPO QUE ATUA: Profissionalmente dois meses, porém, com o teatro acabei por me montar inúmeras vezes para diversas ocasiões e peças teatrais

RESUMO DA SUA DRAG QUEEN: Adora um drama e uma performance marcante e inesquecível, pode ser também sexy e muito palhaça. É gorda, mas sabe muito bem do valor que tem, o que ela se propõe a fazer ela faz de forma integral, se doando de corpo e alma para manter viva a arte que é subir ao palco e dublar seus sentimentos sobre a música, a arte e a vida

FICHA TÉCNICA– MARCUS FIRENS



Foto 6 entrevistado Marcus Firens

NOME: Marco Antônio

IDADE: 16

PROFISSÕES: estudante

HOBBIES: Ler, desenhar e estudar

RESUMO DE QUEM É MARCUS FIRENS: Uma pessoa que tenta acreditar em um mundo melhor, sem discriminação de ser quem somos

NOME SOCIAL (DRAG QUEEN): Firens

TEMPO QUE ATUA: 1 ano e 8 meses

RESUMO DA SUA DRAG QUEEN: Algo tão simples mudou minha vida de uma maneira drástica, um garoto triste com depressão que descobriu seu amor por maquiagem, quando se monta veste um mano onde sente que nada pode o atingir, que tenta fazer o mundo melhor, tentando ajudar pessoas com depressão em um mundo devastado ao caos

FICHA TÉCNICA- FERNANDO LEONARDO



Foto 7 entrevistado Fernando Leonardo

NOME: Fernando Leonardo Costa

IDADE: 19 anos

PROFISSÕES: sou balconista numa lanchonete de coxinhas

HOBBIES: só drag msm

RESUMO DE QUEM VOCÊ É: o Fernando é uma pessoa alegre, gosta de sair, gosta de fazer amizades, ama o que faz, faz tudo com muito amor.

NOME SOCIAL (DRAG QUEEN): Angel Skin

TEMPO QUE ATUA: há 8, 9 meses

RESUMO DA SUA DRAG QUEEN: A Angel pra mim é uma outra pessoa, dentro de mim haha, a drag me ajudou em várias coisas tipo em crise de ansiedades e tudo mais, quando me monto vêm o sentimento de resistência, que ninguém me tomba, me sinto poderosa, essa arte é incrível, amo a minha drag amo o que faço, poder mostrar as pessoas o que posso fazer com a drag...

4. Produção Audiovisual: O Documentário

4.1. Pré-roteiro

ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO “DRAG QUEEN: A PROFISSÃO”

DOCUMENTÁRIO PERFORMÁTICO: 15 MINUTOS

DIRIGIDO POR: NADINE ARIADNE

ESCRITO POR: KAIO IGNÁCIO

NARRADO POR: GABRIELA VIANA

PRODUZIDO POR: MAYARA RAMIRES

CENA 1 – INTRODUÇÃO DE TEXTO (VINHETA DE ABERTURA)

AS PALAVRAS SERÃO INSERIDAS NA TELA

“DRAG QUEEN: O HOMEM QUE SE TRANSFORMA NUMA PERSONAGEM PARA ENALTERAR A ARTE, QUEBRAR ATOS POLÍTICOS E TRANSFORMAR A SOCIEDADE”

TRANSIÇÃO LEVE

UMA INTRODUÇÃO DE CADA ENTREVISTADA FALANDO SOBRE O QUE É SER UM PROFISSIONAL DRAG QUEEN. FRASES CURTAS.

TRANSIÇÃO LEVE

CENA 2 – ENTREVISTADO – FERNANDO TOCA

O ENTREVISTADO ESTARÁ SENTADO EM UMA CADEIRA DE FRENTE AO SEU LOCAL DE MONTAGEM. ELE NÃO ESTÁ MONTADO. CÂMERAS PEGAM TANTO DE PERFIL QUANTO DE COSTAS. PLANO AMERICANO

PERGUNTAS:

- APRESENTAÇÃO (NOME, IDADE, PROFISSÕES, HOBBIES)
- QUEM É FERNANDO TOCA?
- QUEM É ANGEL SKIN?

EFEITOS DE TRANSIÇÃO**CENA 3 – ENTREVISTADO – KAIO VERDILE**

O ENTREVISTADO ESTARÁ EM UM AMBIENTE ADAPTADO DE UM SALÃO DE CABELEIREIRO. ELE NÃO ESTÁ MONTADO.

PERGUNTAS:

- APRESENTAÇÃO (NOME, IDADE, PROFISSÕES, HOBBIES)
- QUEM É KAIO VERDILE?
- QUEM É DIVORA LAFFAY?

ENTREVISTA COMPLETA:

Mayara: Comece dizendo seu nome, idade, o que faz da vida.

Kaio: Kaio Verdille, 24 anos, ator e maquiador artístico

M: Como você entrou nesse mundo de maquiagem artística, artes cênicas?

K: Eu entrei nas artes cênica por causa do coral, eu entre no coral a princípio, coral municipal de Cajamar... E dentro do coral acabou que a gente apresentou, fez a abertura de uma peça, era “prisioneiros do tempo”, e nisso eu acabei conhecendo um garoto que fez a peça, a gente se tornou muito amigo e ele me arrastou pro teatro, basicamente. Maquiagem, eu não sei como até hoje; só sei que quando eu era criança eu brincava de maquiar minha mãe e fui assistindo vídeo, assistindo vídeo, tentando fazer... E deu no que deu.

M: E você mora em Cajamar né, com quem?

K: Moro em Cajamar com meus pais e minha irmã. Aliás, nasci aqui em Cajamar, no hospital regional do Polvilho. Moro aqui no Parque São Roberto dois faz vinte e um anos, até os três anos eu morei com a minha avó no UTR, também em Cajamar.

M: Você tem vontade de ir pra outra cidade, até mesmo você pensa em ter uma carreira profissional com a sua drag, levar ela para outras cidades...

K: Sim porque aqui não tem muito o que fazer nessa área, aliás não tem nem balada aqui pra apresentar esse trabalho. Sempre tem que ir para uma cidade vizinha: Jundiaí, São Paulo... Só que São Paulo já é muito difícil o trajeto que é muito demorado para chegar lá e levar uma mala de maquiagem é perigoso, pedir pra ser assaltado.

M: Mas num futuro próximo você pensa em morar em outra cidade que não seja Cajamar pro seu serviço ser mais valorizado né?

K: Sim

M: Qual o nome da sua Drag?

K: Divora Laffey

M: Quais as primeiras influências para criar essa personagem?

K: RuPaul’s Drag Race. Basicamente isso. Comecei assistindo RuPaul’s Drag Race e acabei me encantando pela arte drag. Tanto que antes, na primeira balada que eu fui, teve apresentação drag, quando eu tinha 18 anos e eu falava

“pra que isso gente, se vestir de mulher pra fazer show, pra quê”, só que eu não entendia o conceito da arte Drag. Acabou que depois de RuPaul, eu comecei a ver drag de outras maneiras.

M: Então a primeira influencia foi com RuPaul, teve alguma outra obra, livro, alguma outra peça que te cativou pra esse caminho?

K: No teatro. No teatro, teve um ano, mais específico no meu segundo ano de teatro o diretor acabou sugerindo de eu fazer o papel de uma macumbeira. Foi a primeira vez que eu, digamos, me vesti de mulher para apresentar para o público. Eu gostei e de lá pra cá eu conheci RuPaul, comecei a assistir bastante RuPaul e tô aqui.

M: Há quanto tempo você faz teatro?

K: Seis anos.

M: Então a personagem foi baseada nesse personagem da peça, né, quando você começou...

K: Sim, foi de um conto dos irmãos Grimm, que é os três fios de cabelo de ouro do diabo.

M: Você tem pretende seguir, tem preferência pela arte cênica ou por ser maquiador? Ou você faria uma junção de tudo pra trabalhar com a sua drag.

K: Eu acho que a drag foi justamente a junção da maquiagem, que é a coisa que eu gosto de fazer, muito, maquiagem artística com o teatro, com as artes cênicas. Porque têm vários, digamos, várias especificações de drag; tem a drag que faz bate cabelo, a drag dançarina, a drag cantora... No caso eu gosto mais do drama, da parte mais dramática da coisa.

M: Então você é uma drag dramática

K: A gente faz de tudo um pouco, mas eu gosto muito da parte dramática.

M: Qual os maiores desafios que você teve que enfrentar nessa jornada de drag.

K: A falta de aceitação das pessoas. Não é nem tanto aceitação, pra dizer assim, é mais uma falta de respeito com a arte da pessoa. Porque eu tô no mundo não é pra ser aceito por ninguém, ninguém precisa aceitar nada que eu faça. Mas eu quero que as pessoas respeitem minhas decisões.

M: Teve muito preconceito da família?

K: Tem. Tem até hoje, porque meu pai, nos seis anos de teatro que eu faço, nunca foi assistir nenhuma peça minha. Porque uma coisa que ele fala é que não vai agregar em nada.

M: E você já teve vontade de fazer uma apresentação em alguma casa de show, casa noturna..

K: Sim, eu já fiz a primeira apresentação minha, foi no The Pub, graças a um amigo meu de Jundiaí que fez essa ponte entre eu e a casa. E a gente tenta fazer mais apresentações, só que é bem difícil, porque a gente tenta contato com as casas noturnas, mas não é fácil de conseguir. Porque eles dão preferência pra quem já um, digamos, um nome grande já na noite. Então é bem difícil conseguir, mas a gente tenta manter esse contato, a gente vai mandando nosso material pra ver se eles conseguem, se eles dão essa oportunidade pra gente.

M: Como você obteve os contatos desses eventos que você fez show?

K: Através de amigos que frequentam bastante essas casas noturnas, eles acabaram me passando ou promotores das baladas, ou DJs ou senão o próprio dono da balada no caso de pessoas que são muito frequentadoras de certos lugares.

M: A personalidade da Divora é diferente da do Kaio?

K: Eu acho que não. A única coisa que diferencia um pouco, é que a Divora é mais... Solta, vamos dizer assim. O Kaio é muito retraído, mas a Divora já não tem tanto esse impedimento de ficar retraída, porque justamente ela está vivendo um personagem.

M: Quem é Divora Laffey? Conte-me mais sobre ela

K: É uma personagem que possibilita o Kaio a se soltar de uma maneira que a sociedade não, digamos, permite, não aceita muito, não respeita muito.

M: De onde veio a ideia do nome? Qual o conceito?

K: Foi na verdade uma conversa com um amigo, que também é muito fã de RuPaul's, e a gente tava conversando justamente sobre nomes, porque ele é escritor e estava tentando decidir um nome, digamos artístico, pra ele colocar nos livros dele e a gente acabou entrando em consenso de um sugerir um nome pro outro, e um acabou que gostou do nome que o outro sugeriu e ficou. Gostou da sonoridade da, digamos da, do nome ser único, diferente. Que nem o meu Divora Laffay e o dele Lucas Calixto.

M: Qual sua drag favorita?

K: Gloria Groove. Sem sombra de dúvidas, Gloria Groove.

M: Por que Gloria Groove?

K: Pelo fato dela mudar muito o conceito da drag. Que uma drag não precisa só fazer uma musica de bate cabelo, não precisa ser só dentro da caixinha dela. Que ne, Gloria Groove é uma drag rapper, o que muitos nunca imaginariam que iria acontecer. Por ela ter essa coragem de sair da caixinha, propor algo novo e conseguir sucesso com o que propôs.

M: Então a drag nacional é a Gloria Groove, e qual seria a drag internacional? Tem alguma que você admira?

K: Sasha Vellore. Ganhadora da nona temporada de RuPaul's Drag Race. Ela é mais focada nessa área dramática, que é o que eu mais gosto mesmo. E ela é totalmente fora dos padrões, é uma drag que não usa peruca, ela é carena. É uma drag que tem uma sobancelha única, que a sobancelha dela no meio tem alguns arabescos que dão impressão de quase uma mono celha. Ela é totalmente fora da caixinha e isso acaba sendo magnífico nela.

M: E você acha que poderia ter um RuPaul's no Brasil?

K: Se tivesse eu já estava inscrita. Não perderia tempo.

M: Quais seus hobbies?

K: Eu gosto muito de dançar, atuar, escrever um pouquinho e desenhar. Gosto muito de desenhar. Inclusive minhas roupas eu desenho elas, eu costuro. É uma coisa que tem me ajudado bastante, porque eu conheço mais o meu corpo, eu consigo fazer as coisas que valorizem mais o meu corpo.

M: Então moda, costura, figurino.. Você foi aprendendo assim, por acaso, assistindo vídeo, vendo um aqui e outro ali..

K: A maioria. Tudo for via YouTube mesmo. Figurino, maquiagem, tudo.

Exemplo: uma saia godê, eu vou lá e pesquiso no YouTube como faz o corte do tecido, como fazer pra prender um zíper ou colocar um elástico...

M: Então você sabe muito bem a mexer com costura... Com quem você aprendeu?

K: Minha mãe me ajudou bastante, a mexer na máquina, a aprender a mexer na máquina. E uma tia minha também, que ela é funcionária do fundo social, ela é responsável pelo curso de corte e costura. Ela me ajudou bastante também, dando algumas dicas de como moldar melhor o corpo da pessoa, como cortar o tecido pra que ele não desfie.

M: Já pensou em desenhar roupas para outras drags, e poder ter algum ganho financeiro com isso?

K: Sim, se viessem me procurar com esse propósito eu faria sem problema algum.

M: E a maquiagem? Você acha que é uma área que, apesar de ser uma coisa que você gosta, é uma área que te traria ganhos financeiros? Que você acha que é valorizado na região?

K: Trazer ganhos traz. Porque sempre vai ter algum evento, alguma formatura, algum casamento, que alguém precise de um maquiador. Porém as pessoas não sabem valorizar o trabalho dos mesmo. Por exemplo, eu não sou, não

tenho nenhum diploma de maquiador profissional, então eu cobro um valor abaixo do que os outros cobram no caso. Mas mesmo assim as pessoas acabam achando caro, mas elas não vêem que tem o investimento da maquiagem, dos pinceis, os produtos de boa qualidade... Os produtos que adequam a pele de cada um, porque eu não posso passar um produto que é pra pele oleosa numa pessoa que tem pele seca, se não vai craquelar e ferrar a maquiagem inteira.

M: E o cabelo? Divora usa só peruca, ou às vezes você utiliza seu próprio cabelo, você entende de algum penteado?

K: Eu uso aplique também. Eu uso o meu cabelo, mas eu coloco sempre algum aplique, porque meu cabelo por mais que seja grande não é grande o suficiente pra fazer algum penteado pra chamar atenção. E daí, eu coloco sempre um aplique, alguma coisa e as vezes acaba que eu faço o próprio aplique, costurando ele num tamanho que sirva na cabeça melhor.

M: Onde você obtem esses apliques?

K: Tem bastante paginas na internet que vendem e tem bastante lugar na 25 também que vende.

M: Quais os seus cuidados com a pele pós maquiagem?

K: Sempre depois que tiro a maquiagem com demaquilante eu faço uma esfoliação e hidrato bem a pele.

M: E com cabelo, aplique...

K: Com as perucas é sempre bom, muito bom, você lavar elas e modelar elas, já deixar elas prontas. Nunca deixar úmidas, ou você acabou de tirar ela, tirar e guardar porque ela ta com muita umidade, acaba gerando bolor, mofo e acaba estragando o produto que não é nada barato.

M: Numa peça em que você interpreta uma mulher, é Kaio ou Divora que se apresenta?

K: Geralmente Kaio. A não ser que a proposta da peça seja drag queen, seja ter uma drag queen no palco. Quando a proposta não é ter uma drag queen no palco, eu me apresento como Kaio mesmo.

M: Sua drag, a Divora, tem algum estilo? Tipo gótica, Lolita... Algum estilo específico ou é algo mais alternativo?

K: Não. Depende da proposta que a casa pede. Se for uma proposta mais Halloween, a gente lógico vai pra uma área mais grotesca, assustadora. Se for uma proposta mais Lolita, bonequinha, a gente vai também.

M: Você gosta dessa imagem mais fofinha ou a mais poderosa?

K: Com certeza a mais poderosa.

M: Por quê?

K: Impõe mais respeito as pessoas, as pessoas vêem aquilo como exemplo. Como um exemplo de “eu tenho eu erguer a cabeça, porque eu vou conseguir essa porra”

M: Na essência da Divora, o que você gostaria que tivesse na do Kaio?

K: Menos medo, de propor alguma coisa que as pessoas aceitem. Porque a Divora, ela já está mais, digamos, solta. Ela não tem tanto esse medo, essa trava, das pessoas não aceitarem sua arte, não aceitarem o que você quer apresentar.

M: Então você gostaria que o Kaio fosse tão destemido quando a Divora?

K: Sim.

M: Como você usaria a imagem da sua drag para influenciar as pessoas?

K: Um bom exemplo que eu pego, pra influenciar as pessoas, é a Lorelay. Porque ela muito sobre assuntos que são poucos discutidos; assuntos sobre aceitação, sobre as dores que as pessoas passam... Ela fala muito sobre o quanto as coisas podem ser ruins para você e o quanto você pode aprender e cada vez crescer mais com as determinadas situações que acontecem.

M: Você, estando no meio artístico, como você vê esse cenário da arte tão desvalorizado, principalmente no Brasil?

K: É uma coisa que a gente precisa lutar muito pra conseguir, uma valorização maior da arte. Porque o ser humano vem a base da arte e da cultura, é uma coisa que não é anda valorizada no Brasil. O ser humano está deixando de lado a cultura dele, está deixando de lado as crenças e está sumindo com isso.

M: O que é ser drag queen?

K: Ser drag queen é ser uma pessoa sem medos e sem amarras pra explorar a arte de uma maneira que as pessoas muitas vezes julgam.

M: Uma frase

K: Eu gosto de uma... Na verdade não é uma frase, são duas palavras em japonês que eu amo de paixão que eu pego muito pra mim, que é “carpe diem”, que é “aproveite o dia” ou “colha o momento”, depende da tradução que você tiver. Então vamos aproveitar mais o momento, aproveitar o que a gente tem no momento pra viver.

EFEITOS DE TRANSIÇÃO

CENA 4 – ENTREVISTADO – MARCO ANTÔNIO

O ENTREVISTADO ESTARÁ UM ESTÚDIO DE TELEVISÃO. ELE NÃO ESTÁ MONTADO. O CENÁRIO É COMPOSTO COM CENÁRIO TELEVISIVO E UM CAMARIM.

PERGUNTAS:

- **APRESENTAÇÃO (NOME, IDADE, PROFISSÕES, HOBBIES)**
- **QUEM É MARCO ANTÔNIO?**

- **QUEM É FIRENS?**

ENTREVISTA COMPLETA:

Mayara: Seu nome, sua idade e onde você mora

MarcosFirens: Meu nome é Marcos, eu tenho 17 e eu moro em Jundiaí

M: Quanto tempo mora em Jundiaí?

MF: Há uns dois meses, antes eu morava em Varzea Paulista

M: Nessas cidades na qual você morou, você chegou a ver alguma dragqueen?

MF: Não, eu ainda me considerava a única porque eu era a única pessoa que eu via em Varzea Paulista que se montava. Exclusiva né.

M: Onde surgiu a primeira influência de se tornar uma dragqueen? Que te fez pensar “eu quero me tornar uma dragqueen”?

MF: Eu via muitas no meu facebook, sabe? Tipo uma drag mais pra maquiagem... não tão artística, mas não deixa de ser uma montagem. E eu ficava apaixonada pelo mundo delas, tipo a personalidade, que você consegue ser das pessoas; de dia uma coisa, de noite outra.

M: Teve alguma referência artística de algum seriado, alguma cantora...

MF: Bom, pra maquiagem e roupa eu me inspiro muito na NickiMinaj. Mas pra montagem, montagem mesmo, eu me inspirei em drags nacionais de São Paulo. Que se chamam Joana Jorden, Alexia Rockefeller, Alicia Evans. Ai, tem várias, mas não vem em mente todas. Muitas drags maravilhosas.

M: Qual o nome da sua drag?

MF: Firens

M: Por que o nome?

MF: É um nome que, tipo, eu me identifiquei muito, sabe. É o sobrenome de uma pessoa que eu gosto muito e eu quis levar esse nome pra mim.

M: Então tem um significado único então, Firens, por ser algo que te cativa internamente, assim como sua drag.

MF: É uma coisa que eu sou, sabe, eu me identifico muito como Firens. E as pessoas também me conhecem mais como Firens.

M: E a personalidade do Marcos é diferente da personalidade da Firens?

MF: Muito.

M: Em quais aspectos?

MF: Autoestima.

M: O Marcos tem baixa autoestima e a Firens tem alta autoestima?

MF: Não, tipo, não tenho baixa autoestima, mas ela eleva quando eu tô montada. Não sei porquê, é uma coisa muito louca.

M: Então o primeiro sentimento que você tem quando se monta é “estou poderosa”?

MF: Belíssima.

M: Você já fez algum show, já pensou em fazer alguma apresentação?

MF: Olha, eu gosto muito de dançar, já pensei em me apresentar pra dançar, sabe? Só que eu sou uma pessoa muito tímida, parece que não mas sou uma pessoa muito tímida.

M: O que você acha do cenário dragnaiconal?

MF: Eu acho maravilhoso, sabe? Porque antes a gente só tinha um padrão de drag. Hoje em dia a gente tem infinidade de padrões, padrões entre aspas, né, infinidades de opções, tipo: tem a drag mais artística, como a Alexia Rockfeller, também tem como a Gloria Groove, que é uma maquiagem mais pele, olho, sem algo muito artístico.

M: E qual o padrão da sua drag? Ela é mais artística, mais cômica...

MF: Eu considero ela mais CD, sabe, uma maquiagem mais PabllóVittar, que é tipo uma pele e um olho, nada muito artístico. Mas é mais porque eu não sei fazer, sabe, uma coisa mais artística, porque se eu soubesse eu faria sim. Não que eu não corra atrás, eu pesquiso bastante, só que eu vou esperar me aprofundar mais sobre o assunto e treino pra começar a mudar minha maquiagem.

M: Então você nunca fez um curso especializado em maquiagem?

MF: Então tudo o que eu sei até hoje sobre maquiagem, foi dica das amigas e tutorial de youtube. Minha vida é baseada nisso e da certo, gente.

M: E o básico já ajuda bastante você se montar, saber as técnicas....

MF: Então, se você se aprofundar muito sobre um assunto, você não vai saber só o básico, sabe? Eu me monto há dois anos e tipo, nesses dois anos foi pesquisando, treinando... E foi muito bom, porque eu aprendi várias coisas. Eu já fui em workshop de maquiagem e as coisas que eles falavam no workshop eu já sabia e conseguiria explicar melhor que o professor.

M: E você tem interesse pela maquiagem, tem algum interesse por cabelo? Você entende algo sobre cabelo?

MF: Ah, entendo, mas é pra cuidar mais do meu, sabe? Mas pra maquiagem é uma coisa que eu pesquiso muito, porque desde criança, eu era uma criança muito apaixonada por maquiagem.

M: Então você seguiria uma carreira de maquiador?

MF: Meu maior sonho, né, me aprofundar numa carreira de maquiador. Porém sem condição, né mores, continuo desempregada... Quem tiver Jobs ai, entra em contato.

M: Você disse que tem sua drag há dois anos... Nesses dois anos, você sofreu algum preconceito, alguma dificuldade, tanto na família quanto na rua ao aparecer montada... Ou na escola.

MF: Em casa eu tive uma conversa muito séria com a minha mãe, mas depois da conversa começou a fluir as coisas, sabe? Na rua, eu... Na verdade eu sou mais confundido com uma mulher na rua, é engraçado falar mas eu sofro mais assédio na rua do que preconceito. O que é meio triste, né, porque eu também vejo o que uma mulher passa na rua, sabe, não é uma coisa muito legal. E sim, preconceito eu já sofri também, mas eu não sou aquela pessoa que “ai perdi meu sono a noite por o que aquela pessoa falou de mim”.

M: A sua drag tem um visual específico?

MF: Não, eu tento variar, sabe? Cada dia que eu vou me maquiar eu tento fazer uma maquiagem, uma coisa diferente, uma coisa nova, sabe? Pra não continuar sempre a mesma coisa. Porque eu acho que a gente renova todos os dias, a gente sempre tem u dia novo pra ser uma pessoa diferente do que a gente é.

M: Como você enxerga o profissional dragqueen?

MF: Ah, eu enxergo como uma arte, sabe? Ah, eu não sei, eu enxergo mais como uma arte, sabe? Eu uso mais como passatempo.

M: E o que é arte pra você?

MF: Arte é a gente saber expressar algo que... Ah eu não sei explicar, mas tipo, arte pra mim é a gente saber expressar o sentimento, sabe? Tipo, a gente ta se sentindo de um jeito, alguns gostam de tocar música, outros gostam de desenhar. Tipo eu, eu gosto muito de desenhar quando eu tô num dia muito legal.

M: Você já pensou em desenhar figurinos para sua drag?

MF: Ah, ai tem outra coisa também, meu maior sonho é ser estilista. E tipo, fazer roupa, mexer com máquina de costura e tudo mais. Isso também é uma coisa que eu gostaria de aprender. Meu maior sonho é fazer uma roupa e usar ela, sabe, desenhar e planejar e usar ela numa ocasião.

M: Uma roupa feita por você, especialmente pra sua drag.

MF: Sim!

M: Então se você dominasse mais as técnicas de corte e costura você faria roupas para sua drag?

MF: Sem chance de dúvidas. Com certeza.

M: E você também faria para outras drags? Que não sabem desenhar e que encomendam as roupas...

MF: Claro que eu faria!

M: Quais os tipos de lugares que você frequenta? Montada e não montado.

MF: Olha, por mim eu estaria montada na até padaria oito horas da manhã, porque fala sério! Andar com uma pele de porcelana, você sentir que ta com a pele bonita 24 horas é uma coisa magnifica. Eu frequento lugares montada, rolezinhos, sabe? Boate, barzinhos.. Tipo o Haules, sabe?

M: Qual foi o primeiro lugar que você foi montada e como você se sentiu?

MF: Minha primeira, primeira, primeira montagem (nossa trinta vezes o primeira né), quem me montou, olha a história, quem me montou foi um “amigo”, que hoje em dia a gente não conversa mais né, cobra. Eu me montei, ele me montou no banheiro do Boa da Varzea. E tipo, eu me sentia uma pessoa muito insegura, sabe, porque mesmo treinando a maquiagem, maquiagem é treino, nem todo o contorno que a gente faz vai ficar bom e tudo mais, porque cada rosto tem seu tipo de maquiagem. E eu não tava me sentindo tão bem, sabe, eu tava me sentindo muito insegura, porque era a primeira vez que eu tava saindo oficialmente montada. E o lugar que eu fui foi uma balada em Jundiaí que se chama, na época se chamava... É que trocou várias vezes de nome. É o Ipiranga, que já se chamou The Mafia... Diversos nomes. Mas lá foi minha primeira montagem, foi no dia três do dois, isso, três do dois, de dois mil e dezesseis.

**M: Como você tomou essa iniciativa na primeira vez que você saiu montada?
“Hoje eu quero ir montada, porque eu quero me mostrar, eu quero por isso em prática, eu quero saber como é que é”**

MF: A iniciativa foi ver tipo, minhas amigas, elas começaram primeiro que eu a se montar. E eu via que era um rolê muito daora, sabe? Eu sempre gosto de estar lá querendo algo novo, querendo algo diferente... Isso é uma coisa minha, eu sempre me jogo de cabeça nas oportunidades que a vida me da.

M: Qual foi o seu maior medo de mostrar quem é você?

MF: Ai que tá, eu nunca tive medo e mostrar a pessoa que eu sou, sabe? Eu não nasci pra agradar as pessoas, porque como diz a bíblia, nem Jesus agradou todo mundo.

M: Quais os seus hobbies?

MF: Eu amo muito de ler livros e desenhar, são duas coisas que eu gosto muito de passar meu tempo, quando eu não tô estudando

M: Pelo que você lutaria?

MF: Ai é que tá, eu gostaria muito de ajudar pessoas, sabe? Pessoas com depressão, eu lutaria justamente com isso. Porque não é uma coisa legal de se passar. Eu gostaria de ajudar essas pessoas, porque a gente nunca sabe a realidade de vida de uma pessoa e uma coisa que a gente não vive todos os dias. Ai eu gostaria de ajudar essas pessoas, sabe, porque ainda é um tabu né, suicídio, depressão, frescura... E eu gostaria de estar aqui pra falar que tá tudo bem, porque é só uma neurose, e é uma coisa que infelizmente todos temos, mas nem todos sabemos lidar.

MF: Vida de uma drag também gente, não é tipo coisas mil maravilhas, beleza cem por cento. Uma coisa que acontece muito é tipo... Como diria Beyonce, PrettyHurts, usar salto apertado doi, machuca o pé, corta... Usar peruca também aperta a cabeça... Tem dias que eu tipo, vou sair na rua no dia-a-dia e parece que eu tô cheia de hematoma.

M: No cenário drag em geral você acha, que ele é padronizado de alguma maneira? Tem algum padrão para as drags se montarem, por exemplo você vê muita drag gorda, negra ou tem algum padrão assim como o padrão pra mulher na sociedade.

MF: Olha, eu não vejo que você tem que seguir um padrão, você tem que ser você. Sua maquiagem é o que te define. Só não vou falar que não existe isso, porque existe sim. Gente querendo julgar make, “ah, se você tivesse feito outra coisa”... Você sabe o que você quer, mas as pessoas ainda tentam te vincular a uma coisa só. Foi mais pra quando a PabllóVittar começou a estourar, que é a Drag, CD que é uma maquiagem não tão artística.

M: Qual é a sua inspiração pra maquiar tirando os vídeos do youtube? Tem algum ícone, artista?

MF: Sim! Eu amo de paixão a Kim Kardashian. Ela é conhecida mais pela maquiagem também e eu me inspiro muito nela, e as técnicas que ela faz são revolucionárias. São coisas que dão muita diferença

MF: Eu indico muito a série RuPaul. É uma série sobre drags que se montam e tudo mais, é um reality. A maioria das pessoas que começam a se montar, foram depois que começaram a assistir RuPaul. E eu acho muito legal.

M: Quais características de Firens, Marcos gostaria de ter? Por que?

MF: Uma pessoa bem sincera, sabe? Umas coisas que não me agradam eu deixo de falar quando eu tô desmontado e quando eu tô montado eu falo. Eu não sei porquê.

M: Você está no último ano da escola, o que pensa em fazer?

MF: Eu penso em investir como maquiador, moda, essas coisas...

M: Uma carreira de esteticista? Você gosta de cuidar da pele, unhas?

MF: Sim, eu cuido mutio da pele e eu trabalho também, bico na verdade, como designer de sobrancelhas. Porque trabalho, trabalho, não é visto como trabalho. Porque eu sou meio relaxada.

M: Você acha que depois que começou a se montar, algumas pessoas da região começaram? Você acha que influenciou alguém?

MF: Eu acho que sim. Como eu disse, eu gosto muito de ajudar as pessoas, com os problemas que elas tem. Muita gente gostaria de se montar mas tem um certo medo, um receio, sabe? E eu ajudei várias pessoas, tipo, amigas, amigos ao meu redor que o sonho da vida deles era se montar e eu ajudei!

M: Pra você o que é o profissional dragqueen? Como você espera o reconhecimento, não nacional, o conhecimento mundial dessa profissão.

MF: Com certeza, sabe, porque tudo que é voltado pra arte a gente sempre tem que estar um pouco mais por dentro, sabe? Porque a arte é, na minha opinião, é muito sobre o que a gente é e o que deixa de ser.

M: E dragqueen também envolve muito a área de artes cênicas. Você já fez teatro ou já pensou em fazer?

MF: Eu sempre quis sabe, aparecer na Globo, fazer um teatro... Alguma coisa. Mas eu nunca corri atrás.

M: E você pensa em correr atrás, quando terminar o ensino médio?

MF: Ah eu penso. Penso sim.

M: Você é aquela drag que gosta de usar salto, vestido... Você tem um outro estilo mais casual?

MF: Eu não sei definir meu tipo de estilo, sabe? Porque eu sou uma pessoa que varia, sabe, as roupas que eu uso e tudo mais. Mas eu sou uma pessoa que adora uma roupa curta. Tem uma vergonha? Eu tô dando a cara a tapa lá, passando.

M: Como você obteve os contatos dos eventos que você foi montado?

MF: Normalmente as pessoas me convidavam pra ir.

M: Amigos?

MF: Sim. Na verdade até os promoters de balada me chamaram pra ir. Drag não é só fazer show, tem drag que fica na porta da boate de recepção, sabe? Tipo, “sejam bem vindos, boa festa!”. E eu já fui convidada duas vezes em Jundiaí.

M: Pra finalizar, uma frase

MF: Viva. Nossa arrasei com essa frase! Você nunca deve desistir daquilo que você gostaria de ser, você pode ser o que você quiser. E isso que é legal.

EFEITOS DE TRANSIÇÃO

CENA 5 – ENTREVISTADO – FERNANDO LEONARDO

O ENTREVISTADO ESTARÁ EM UMA CASA. ELE NÃO ESTÁ MONTADO. O CENÁRIO É COMPOSTO COM CENÁRIO TELEVISIVO E UM CAMARIM.

PERGUNTAS:

- **APRESENTAÇÃO (NOME, IDADE, PROFISSÕES, HOBBIES)**
- **QUEM É FERNANDO LEONARDO?**
- **QUEM É ANGEL SKIN?**

ENTREVISTA COMPLETA:

GABRIELA: Qual é o seu nome?

FERNANDO: Fernando Leonardo Costa

G: Qual é a sua idade?

F: 19 anos

G: Qual é a sua profissão?

F: Sou balconista numa lanchonete

G: Qual é o seu hobby?

F: Eu gosto de dançar, tirar fotos...

G: Quem é sua drag queen?

F: Angel Skin... Uma garotinha... Uma garota... Uma “drag” que gosta de dançar, que gosta de performar, gosta de fazer o povo dar risada...

G: E de onde você tirou essa ideia de nome?

F: Quando eu era criança eu jogava muito Minecraft e The Sims, e eu sempre colocava o nome dos meus nicks de Angel. Sempre gostei desse nome desde pequeno. E skin veio do Minecraft. As roupas se chamavam skins e você podia trocar a qualquer momento. Eu acredito que drag seja isso.

G: O que é ser uma drag queen pra você?

F: Ser drag queen pra mim, primeiramente. E também um ato de resistência, de força. Eu sempre falo, drag pra mim, quando eu me monto, eu me sinto uma pessoa muito poderosa, que ninguém me tomba. Eu sinto um poder, um empoderamento, sabe? Isso pra mim é que é ser drag. Ser resistência ser força.

G: Rainha!

F: Isso!

G: Quanto tempo tem de drag queen?

F: Eu me monto basicamente assim há uns oito ou nove meses.

G: E quais foram suas referências?

F: No começo, antes de eu me assumir gay, sempre via esses negócios que tinha no Silvio Santos, sobre transformistas, sabe? Assim, meu, eu era uma

criança viada mas ninguém sabia. Todo xingava, mas né, cagava. Ai, eu falava, meu isso é muito legal, né? Se montar, poder fazer isso. Desde pequenininho eu sempre tive uma paixão grande por isso. E no ano passado, eu tinha me assumido já, e pensei assim “quero me montar”. Ai começou um desejinho no meu coração mas eu não tinha nenhuma inspiração ainda. Ai eu comecei a procurar saber mais, assisti RuPaul’s, e as drags brasileiras também. Eu cheguei a me inspirar, até hoje me inspiro, na Lia Clark, na Naomi, Naomi Smalls que é uma drag de RuPaul’s, e tipo, foram elas que me ajudaram a criar a minha estética, minha identidade de drag, sabe? Minha drag ela é... Uma drag meio que safadinha, que gosta de pouca roupa, gosta tipo... de mostrar as pernas, sabe? Essa eu acredito que seja a estética da minha drag. Que ela não use tanta roupa. E é isso, as minhas inspirações sempre foram a Lia Clark e a Naomi Smalls.

G: E sua personalidade pessoal é diferente da sua personalidade drag?

F: Sim, aham. Diferente.

G: Em quais aspectos?

F: Que nem eu falei, na vida de ‘boy’, de Fernando, eu sou uma pessoa completamente diferente. Eu acredito que eu de ‘boy’ sou uma pessoa diferente, que falo com todo mundo, na drag também é assim... Mas, não é querendo dividir, mas dividindo já. Eu acredito que tem que ter um pouco de divisão da vida normal assim, de ‘boy’, da vida de montada. Tem uma pequena diferença... Uma pequena, grande, assim, mais ou menos, que é... Eu sou uma pessoa tipo, quando eu me monto gosto tipo, de dançar, e as vezes eu acredito que quando eu me monto eu me solto mais do que estando de ‘boy’, sabe? Foi que nem eu falei, poder, rainha, sabe? Que nem você falou. Coisas que eu não sinto comigo, quando tô de ‘boy’, quando eu tô de drag eu me transformo completamente. É isso que eu gosto.

G: Você se sente mais a vontade, né?

F: Isso, sim! Mais a vontade.

G: E qual é o estilo que mais define sua drag?

F: Eu não sou aquele estilo de... de.... Eu não sou muito artística. Ainda, pretendo ser um dia, tipo, fazer aquelas maquiagens mais elaboradas e tudo mais... Eu sou uma drag mais 'CDzinha', mais menininha assim sabe? Mas com o tempo de montagem, eu comecei a mudar algumas estéticas para puxar mais pra drag e ainda trazer um pouco de mulher. Sabe, eu me inspiro muito nas mulheres, porque eu acho mulher... Mulher é muito foda, sabe? O empoderamento que elas tem, eu acho isso muito 'bafo'. E como eu falei, eu gosto de uma coisa mais mulher, não gosto daquelas coisas tipo, mais colorida, look grandão... Gosto de mais coisinhas simplesinhas, um vestidinho, uma sainha, um cropped, uma choker, esse é o meu estilo, sabe?

G: Quando você começou a se montar, teve algum tipo de preconceito de amigo ou de familiar?

F: De família não porque quando eu comecei a me montar, eu me montava nas escondidas.. E tipo, eu só montava em casa, treinava olho só, porque não tinha peruca ainda e tudo mais. Mas de amigo, não porque do tempo que eu me assumi, eu perdi muito amigo hetero, da época que eu estudava e tudo mais... E foi graças a deus, foi um livramento, porque eu percebi quem são os de verdade, né... Mas de amigos que eu conquistei eu tive total apoio, até hoje eu tenho. Demorou um tempo pra eu contar pra minha mãe, pros meus familiares começarem a saber que eu me montava. Demorou alguns meses pra eu contar. Porque na época que eu me assumi minha mãe chegou e falou assim pra mim, eu já tinha essa vontade [de ser drag], minha mãe pegou e disse assim pra mim "eu te aceito de qualquer jeito, você é meu filho, vou te amar sempre! Mas uma coisa que eu não quero é que você se vista de mulher". E eu já tinha esse desejo dentro de mim, sabe, que eu queria me montar e tudo mais. Ai eu peguei por um momento e falei assim, "não vou me montar, pela minha mãe". Ai passou dois meses e eu estava com a peruca na cabeça já. Ai né, eu fui me montando as escondidas, mas ai depois de um tempo eu acabei contando pra minha mãe. Minha mãe falou que sabia já porque já tinha visto minhas perucas no guarda-roupas. Ai... No começo sempre é difícil, né? Porque é um mundo

novo, querendo ou não. No começo foi difícil pra minha mãe aceitar, mas hoje eu dia já tá mais de boa. Fico muito feliz por isso. E de amigo eu não tive preconceito nenhum não, eles me aceitaram de boa, até pedem pra eu maquiarm, me ensinam a maquiarm... São de boas. Nunca tive preconceito nessa parte.

G: O que a Angel tem que o Fernando gostaria de ter?

F: O Fernando tem, autoestima, mas a Angel supera! Qualquer uma das expectativas. Porque gente eu não posso ver uma câmara na minha frente que eu já fico “meu deus eu tô muito gata”. Eu queria que o Fernando tivesse mais disso, sabe? Ele não tem tanto quanto a Angel tem. Acho que é isso.

G: Qual foi seu sentimento quando se montou a primeira vez?

F: Primeira vez que eu me montei eu falei ‘nossa, tô feia pra caramba!’, é todo o começo, então tem que ter um certo treino. Mas da primeira vez que eu saí eu fiquei um tanto inseguro, porque eu falei “meu, tô saindo de mulher na rua” morro de medo. Mas mesmo assim eu saí! E bem no primeiro dia que eu saí já sofri perrengue no meio da rua, fui seguido por moto, o cafetão da rua passou e achou que eu estava roubando o ponto das prostitutas da rua, mas nada disso né! Arranquei minha peruca, saí correndo no meio da rua com medo dos cara vir me pegar... Mas de resto, foi indo, sabe? Mas eu, tipo, por mais que eu tinha medo, eu sempre fui um pouco confiante, eu tinha confiança dentro de mim que tudo isso ia passar. Isso foi amadurecimento pra mim mesmo pra hoje em dia. Porque hoje em dia eu saio montada, pego ônibus montada, empoderamento, sabe? Que nem eu falei no começo. Hoje em dia eu tô mais de boa, mas no primeiro momento, assim que eu me montei, foi insegurança real. Porque a gente não sabe, é um mundo novo até pra gente que se monta pela primeira vez e saí na rua pela primeira vez montada. Porque a gente não sabe o que pode acontecer, mas de resto foi tudo de boa, no começo foi a insegurança mesmo.

G: E você já participou de algum evento de drag queen, desfile...

F: Evento só de drag, não, mas tem as festas aqui em Jundiaí e como eu sou drag performer, que performa nas festas, eles chamam as vezes a gente pra

performar. Eu já performei acho que em umas cinco festas, mais ou menos, e teve uma vez num evento aqui da faculdade da UNIP, que não foi de drag mas foi da turma de fotografia e tudo mais, e eu participei. Eu desfilei, entrei performando no desfile, abri performando e no final eu desfilei. Assim, por último de todo mundo. Foram esses eventos só.

F: Eu acredito que as pessoas não mexem comigo porque eu ando muito com a cara fechada, tipo, se você conversar comigo você vai ver que eu não sou essa pessoa que, as pessoas acham que eu sou muito metido, quando eu ando. Mas não tem nada a ver, porque quando eu ando de ônibus eu não vou ficar sorrindo a toa, eu mostro empoderamento, eu mostro respeito. E tipo, eu quando tô montado e de ônibus eu ando fecho a cara e olho, tipo assim, pro nada. Se a pessoa me encarar eu vou encarar também, se a pessoa olhar eu pergunto “você quer uma foto?”. Eu pego ônibus montada, de tipo, dez centímetros, salto dez centímetros, peruca loira... Fui pra São Paulo peguei metrô montada já, meu, não vou baixar minha cabeça pra macho escroto.

Raquel: Você é muito assediado?

F: Eu não sou, gente! Eu não sei, sou uma drag completamente diferente. Eu acho que é por causa disso, da postura, sabe?

R: Do seu andar...

F: Sim, do andar mostrando respeito, falando assim “se você mexer comigo você vai levar”, sabe, tipo, eu acredito que eu não sou assediado por isso, mas eu tenho várias outras amigas que são muito assediadas, sabe? Então já conta isso, sabe? Acho que é o respeito, mostrar que você tem o respeito, que você tem tipo, empoderamento, sabe? Isso é o que vale muito pras pessoas entenderem que você não tá ai por brincadeira, sabe? Vai muito além disso.

R: E pra você qual é a melhor forma de colocar na cabeça das pessoas o respeito pela arte, o respeito pela drag em si?

F: Quando eu me monto, principalmente com a peruca loira e pelo olho azul, que eu coloco a lente, as pessoas sempre me consideram muito parecida com

a Pablllo [Vittar]. E tipo, eu não ligo, é um puta de elogio! Mas meu, eu sempre falo, as pessoas rotulam demais. Tem diversas drags, um mundo inteiro de drag pra você conhece e vai muito além. Eu não fico, tipo, três horas me maquiando, três horas me arrumando pra ser comparada com uma drag. Tipo, que já ta no auge. Eu tenho que ganhar meu espaço, eu tenho que ter tipo... Por isso que eu mostro minha identidade. Gente, vocês podem até me chamar, eu aceito como um elogio, demais! Mas não fica rotulando isso, sabe? Eu tenho uma maquiagem diferente da Pablllo, ela esfuma o olho, tem o delineado uma lente e um cílio. A minha já não, é um olho mais puxado. Sabe, as pessoas vivem, na parada mesmo, “nossa é a Pablllo Vittar, não sei o que, não sei o que”. Já até me confundiram com a Pablllo. Eu fiquei tipo, “tutu pom?”, eu sou negra! Tá? Entendeu? Por isso eu falo que eu não fico me maquiando três horas pra ser comprada a outra drag. Eu tenho a minha essência, eu tenho minha identidade, sabe? Vamos conhecer mais um pouco. Mas eu acabo aceitando, não tem o que fazer muito. Mas é isso, eu tento mostrar pra essas pessoas que vai muito além de apenas dar um “closinho” básico de menininha na rua. Porque na parada eu não performei, mas um amigo tava tocando e eu comecei a dançar no palco porque ele pediu pra todo mundo dançar e tudo mais, com as drags que estavam lá e depois vieram me falar que “nossa eu gostei muito da sua performance, parabéns!” E sabe, você tem aquela sensação de trabalho feito? Eu fiz a coisa certa e isso é muito gratificante pra gente, sabe?

R: Ela se prende naquilo e não se abre pra novas coisas, né?

F: Sim, sim. Porque não tem só o modelo de drag da Pablllo, tem drags incríveis, artistas. Que fazem verdadeiramente uma obra de arte no rosto. Não no rosto, no corpo. Queria ter esse dom, mas não tenho, né. Então fico na cdzinha.

R: Qual é a melhor forma de se destacar das outras?

F: Ser humilde. Humildade é tudo, você querer ajudar, ser participativo nas coisas e tudo mais, sabe? É isso que é a base de tudo, ser humilde. Querer ajudar quem ta começando, e até quem já tá mais tempo ai. Você falar, tipo

“meu, tô aqui para o que você precisar, viu?”. Eu tenho amigos que falam assim, tipo, ontem um amigo meu “me monta!” e eu logo respondi que “sim, claro, com certeza! Eu vou amar te montar”. Eu gosto de fazer isso, eu tenho amor por isso, sabe? A humildade é sempre o que vale.

K: Você acha que essas drags mais famosas, não só a Pablló, abrem espaço para uma aceitação do público em geral, da sociedade em geral? Que drag não é aquilo que as pessoas tem um “pré-conceito” ...

F: Sim, sim. Acredito. Porque até então, tipo, tem as mães... Tipo, a minha mãe, acho que ela tá começando a aceitar agora porque ela ta vendo que eu tô começando a levar isso como um trabalho pra minha vida, sabe? Que eu posso ganhar dinheiro com isso. A minha mãe tá começando a aceitar agora, sabe, ela tá até me “ajudando”, em questão de tipo, de me locomover ao local que eu vou performar e tudo mais. Eu acredito que essas drags que tão ganhando uma visibilidade enorme, tem tipo, muita coisa... Porque assim, os sete milhões de seguidores da Pablló não é só de viado ou sapatão ou trans. Tem hetero ali no meio. Tem mãe de família, tem pai de família, sabe. E eu vejo que mães que eram fechadas, de mente fechada, estão se abrindo agora e isso é incrível! Porque tipo, meu, ta se revolucionando aos poucos, a sociedade de ver que drag não é bagunça! Drag é arte. Isso é arte, sabe? Até as pessoas entenderem que é arte, demora um pouco a aceitação. Porque querendo ou não até tipo, pra minha mãe, é tudo um mundo novo. Eu me assumi ano passado, no finalzinho do ano, aconteceu muita coisa na minha vida muito rápido, então pra minha mãe foi um mundo novo na vida dela, sabe? Então acredito que a drag abre um mundo amplo não só pra drag, pra arte, mas também pra trans e tudo mais para as pessoas conhecerem o que que é, sabe? Tão dando espaço pra essas pessoas. E a Pablló, Glória, Aretuza, Lia, essas drags que tão ganhando espaço agora, elas tão fazendo o certo. Que é, tipo, não é só elas levantarem e ficarem no topo, elas tão levantando as outras drags junto com elas, sabe? Isso é o mais lindo de ver! Porque assim que elas levantam as outras drags, as outras drags vão levantando as outras também, uma vai ajudando a outra, sabe? Por mais que tenha uma competição, e isso vai mudar com o tempo (eu acredito nisso), uma vai dando a mão para a outra

pra ser resistência, ser a força, sabe? E eu vejo muito isso tipo, Bianca Dellafancy, uma drag impecável, muito militante, muito foda o trabalho dela. Eu acho tipo, muito bafo, sabe? Ela ajuda, ela milita... Que nem no negócio da eleição, ela deu muito a cara a tapa, falou muito “meu, não vou parar, a gente não tem que parar. A gente dá a mão pra continuar fazendo nosso trabalho, levando nossa arte aí para as pessoas. É isso, cara, essas drags tão tipo, erguendo nosso trabalho, dando a própria cara a tapa pra gente ganhar nosso espaço. Porque, meu, não é porque elas tão aí hoje que elas conseguiram esse espaço, teve sorte sim, teve... Mas muitas drags antigamente deram a cara a tapa para elas estarem no lugar que estão hoje, sabe? Muita drag morreu, muito viado levou “lampadada” na cara, pra gente tipo, ter esse espaço que a gente tem hoje. Ah, não é porque um já deu a cara a tapa que a gente não tem que dar, a gente também tem que dar a cara a tapa, a gente tem que mostrar o respeito que a gente merece ter. Se você quer ter o respeito, você tem que respeitar a gente em primeiro lugar. Então não é banana. Você tem que dar sua cara a tapa pra continuar dando espaço para as outras drags que estão aí. É isso.

F: Tipo, eu sou bicha, preta e afeminada. Então eu tenho que dar muito minha cara a tapa, tipo sabe, eu sou tudo que a sociedade não gosta, então por isso eu sou resistência, sabe? E é por isso que a gente tem que ser resistência cada vez mais.

K: Quem é Angel Skin?

F: Angel Skin... Uma guerreira, uma pessoa que tem muita resistência pra dar ainda, muita força pela frente. Uma pessoa que tem medo, mas não tem medo do que a sociedade pense, sabe? Uma pessoa que é guerreira e que passa essa força pra pessoas. Eu acho que é isso que a Angel Skin quer atualmente e de fases, também,

F: Você pode ser quem você quiser, não ligue para opiniões alheias, sabe? Você é sua força, você é sua arte. Mostra a arte que você tem dentro de você e expõe ela pra fora e arrasa garota!

CENA 6 – O COMEÇO

A TELA SERÁ DIVIDA EM TRÊS PARTES, NESSAS PARTES SERÃO MOSTRADOS OS ENTREVISTADOS COMEÇANDO O PROCESSO DE MONTAGEM DA DRAG QUEEN

CENA 7 – ENTREVISTADOS – A MONTAGEM DAS DRAG QUEENS

O ENTREVISTADO ESTARÁ SE MONTANDO E SENDO ENTREVISTADO. IMAGENS PODEM SER INSERIDAS DURANTE A ENTREVISTA, TENDO UM OFF PARA CONTINUAÇÃO. NA EDIÇÃO DEVE-SE VER E REVER O MATERIAL PARA CONECTAR PALAVRAS E FRASES COM CONTEXTO ENTRE OS ENTREVISTADOS

PERGUNTAS:

- **O QUE É SER DRAG QUEEN?**
- **QUEM É SUA PERSONAGEM DRAG QUEEN?**
- **HÁ QUANTOS ANOS ATUA COMO DRAG QUEEN?**
- **QUAIS AS SUAS REFERÊNCIAS?**
- **A SUA PERSONALIDADE PESSOAL É DIFERENTE DA PERSONALIDADE DA SUA PERSONAGEM?**
- **QUAL O ESTILO DA SUA DRAG QUEEN?**
- **UMA FRASE?**

CENA 8 – INSERÇÃO DE VÍDEOS

SERÃO INSERIDOS VÍDEOS DE DRAG QUEEN MANDANDO MENSAGENS

CENA 9 – ENCERRAMENTO

O ENCERRAMENTO COMEÇA COM OS CRÉDITOS. SEGUIDO DO LOGO DA AGÊNCIA EXPERIMENTAL “IGNIS PRODUÇÕES” E DA UNIVERSIDADE “UNIFACCAMP”. A TRILHA SONORA SERÁ ÚNICA PARA O ENCERRAMENTO

4.2. Mapa de Iluminação



Ilustração 1 Mapa de iluminação

Entrevistado: centralizado

À esquerda: luz 1

Centro: câmera

À direita: luz 2

Traseira: Luz 3

4.3. Mapa de Produção

Equipe	Dias	Locais	Horário
Gabriela Viana	2	UNIFACCAMP	19:00 – 22:00
		Locação do Gabriela	08:00 – 12:00
Kaio Ignácio	3	UNIFACCAMP	19:00 – 22:00
		Locação do Kaio	14:00 – 18:00
		Locação da Gabriela	08:00 – 12:00
Mayara Ramires	2	UNIFACCAMP	19:00 – 22:00
		Locação do Kaio	14:00 – 18:00
Nadine Ariadne	2	UNIFACCAMP	19:00 – 22:00
		Locação do Kaio	14:00 – 18:00
Kaio Verdile	1	Locação do Kaio	14:00 – 18:00
Marco Antônio	1	UNIFACCAMP	19:00 – 22:00
Fernando Leonardo	1	Locação da Gabriela	08:00 – 12:00

Tabela 1 Mapa de produção

4.4. Mapa de Transporte

Documentário: "Drag Queen: A Profissão"
Diretora: Nadine Ariadne Ferreira

Data

21/09/2018

Horário	Veículo	Serviço	Saída	Destino
13H15	Ônibus	Ir até o apartamento do Kaio para a entrevista	Jordanésia	Conjunto Maria Luiza
18H35	Ônibus	Finalização da entrevista	Conjunto Maria Luiza	Jordanésia

Data**28/09/2018**

Horário	Veículo	Serviço	Saída	Destino
18H45	Ônibus	Ir para a entrevista nos estúdios da UNIFACCAMP	Cajamar	Campo Limpo Paulista
22H20	Ônibus	Finalização da entrevista	Campo Limpo Paulista	Cajamar

Tabela 2 Mapa de transporte

Data**09/11/2018**

Horário	Veículo	Serviço	Saída	Destino
07h00	Ônibus	Ir para a casa da Gabriela em Campo Limpo Paulista	Cajamar	Campo Limpo Paulista
12h20	Ônibus	Finalização da entrevista	Campo Limpo Paulista	Cajamar

Tabela 3 Mapa de transporte

4.5. Ordem do Dia

ORDEM DO DIA	
<u>21</u> dia de produção	
FILME: Profissão: Drag Queen previsão: 26 / 11 / 2018	
Nº de planos: 5 data: 21 09 2018	
ext. / int.	ambiente: interno casa, sala
dia / noite	

ORDEM DO DIA					
loc. / est.					
SEQ.	28 dia de produção				
FILME	Contra Regra	Queen	EQUIPE	PROD.	saída: 26 / 11 / 2018
Nº de planos:	5	Direção:	Nadine Ariadne		19:00
ext. / int.	ambiente:	Interno	estúdio	Nadine	19:00
dia / noite		Assist. Câmera:	Kaio		19:00
loc. / est.	locação:	estúdio	Universidade		19:00
SEQ.		Assistente:	Mayara		19:00
CONTRA REGRA	Contra-regra:	Kaio	EQUIPE	PROD.	19:00 SAÍDA
	Direção:	Nadine Ariadne			22:00
	Dir. Arte:	Nadine			19:00
	Dir. Fotografia:	Nadine			22:00
	Cenógrafo:	Kaio			19:00
	Assist. Câmera:	Kaio			22:00
	Produtor:	Mayara			22:00
	Assistente:	Mayara			22:00
	Contra-regra:	Kaio			22:00
	Dir. Arte:	Nadine			22:00
CENOGRAFIA	Cenógrafo:	Kaio	ATOR	PERSONAGEM	22:00 ROUPA
				Divora Laffay	
Obs.:	FIGURAÇÃO				
		Figurino montado pela própria personagem			
EQUIPAMENTO	CENOGRAFIA	TRANSPORTE	ATOR	PERSONAGEM	ROUPA
	T6 Canon	Ônibus	Marcó Antônio	Firens	
Obs.:	FIGURAÇÃO				
		Figurino montado pela própria personagem			
EQUIPAMENTO	TRANSPORTE				
	T6 Canon	Ônibus			

ORDEM DO DIA

08 dia de produção

FILME: Profissão: Drag Queen

previsão: 26 / 11 / 2018

Nº de planos: 5

data: 08 11 2018

ext. / int. ambiente: interno casa, quarto

dia / noite

loc. / est. locação: casa

SEQ.

CONTRA REGRA	EQUIPE	PROD.	SAÍDA	NO LOCAL
	Direção: Kaio Ignácio		12:00	
	Dir. Fotografia: Gabriela		12:00	
	Assist. Câmera: Gabriela		12:00	
	Produtor: Kaio		12:00	
	Assistente: Gabriela		12:00	
	Contra-regra: Kaio		12:00	
	Dir. Arte: Gabriela		12:00	
	Cenógrafo: Kaio		12:00	
CENOGRAFIA	ATOR	PERSONAGEM	ROUPA	OBS.
	Fernando Leonardo	Angel Skin		
Obs.:	FIGURAÇÃO			
	Figurino montado pela própria personagem			
EQUIPAMENTO	TRANSPORTE			
T6 Canon	Ônibus			

1.1. Direção de Arte

O documentário “Profissão: Drag Queen” tem um conceito artístico desde o vermelho, a cor que traz o choque, a beleza e a personalidade de uma Drag Queen. Com tons mais fortes, o intuito é que o espectador tenha um envolvimento com o tema. Cores básicas como o preto e o branco compõe as nossas entrevistadas. O cenário das entrevistas é composto por cores quentes, trazendo um ambiente extrovertido e condizente com os assuntos ali tratados. Os figurinos apresentados pelas entrevistadas também partem de cores quentes, combinando com o que cada personagem social Drag Queen traz consigo, a sua profissão artística.

Divora Laffay:



Ilustração 1 Paleta de cores Divora

Firens:

Ilustração 2 Paleta de cores Firens

Angel Skin:

Ilustração 3 Paleta de cores Angel

4.6. Direção de Fotografia

A fotografia do nosso documentário parte de referências de conteúdos audiovisuais que também trabalham com o tema LGBTQ+. Para as realizações de qualquer imagem fotográfica ou vídeo, tivemos como referências os filmes “Dream Boat” (2017) e “Divinas Divas” (2016) os documentários “Paris Is Burning” (1990) e “Entreatos” (2004) e o livro “Introdução ao Documentário” de Bill Nichols (2001).

4.6.1. Imagens Divora Laffay



Imagem19 Divora Laffay



Imagem20 Divora Laffay e Nadine



Imagem21Drag Divora Laffay

4.6.2. Imagens Firens



Imagem 22 Drag Marcus Firens



Imagem 23Drag Marcus Firens

4.6.3. Imagens Angel Skin



Imagem24 Drag Angel Skin



Imagem25 Drag Angel



Imagem26 Angel Skin

4.7. Bastidores da IGNIS na parada LGBT

No dia 03/06/2018, nós do grupo IGNIS PRODUÇÕES fomos até as ruas de São Paulo, presenciar movimento LGBTQ+, que ocorreu na Avenida Paulista, com o intuito de registrar, principalmente, as atrações das Drag Queens e suas performances.



Imagem 27 Bastidores da Ignis na parada LGBT

4.7. Fotografias Parada LGBT (IGNIS)



Imagem28 Drag Vermelha Parada LGBT



Imagem29 Bruxa Drag, Parada LGBT



Imagem30 Drag Fada Vermelha- PARADA LGBT

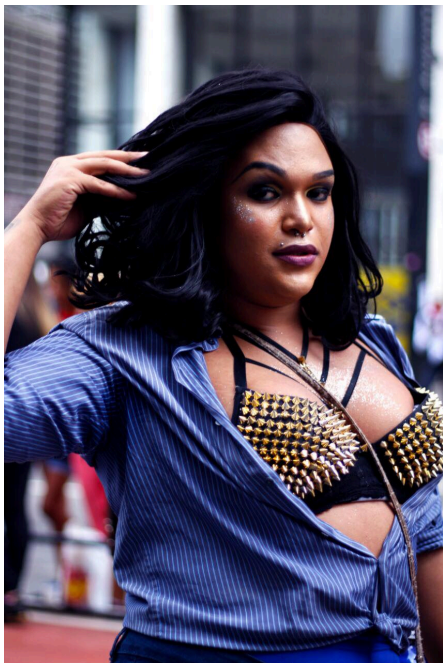


Imagem 31 Drag Espinho, Parada LGBT



Imagem 32 As Amigas Drag Queen, Parada LGBT

4.8. Referências



Imagem 33 Filme "Dream Boat" (2017)



Imagem 34 Filme "Divinas Divas" (2016)

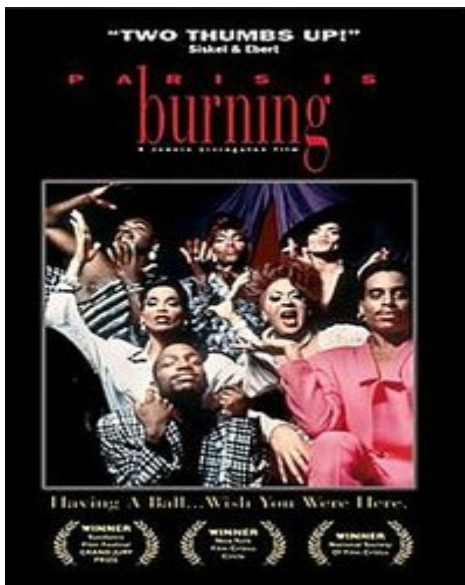


Imagem35 Documentário "Paris In Burning" (1990)

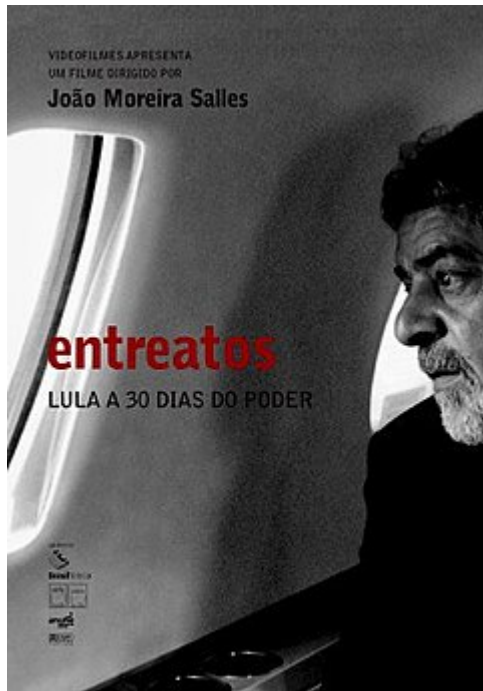


Imagem 36 Documentário "Entreatos" (2004)

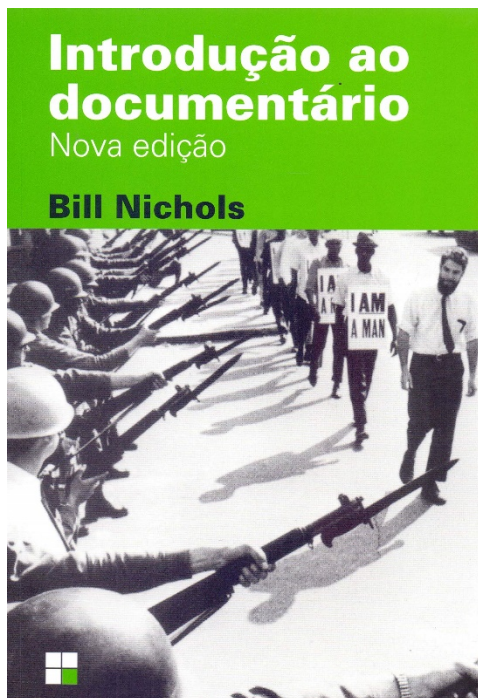


Imagem 37 Livro "Introdução ao Documentário" Bill Nichols (2001)

5. Considerações Finais

O trabalho foi, de fato, um grande conhecimento para todos nós que tivemos o prazer em produzir, como será para todos aqueles que acompanharem a parte escrita e/ou audiovisual. O objetivo do tema “A Profissão Drag Queen”, era mostrar para todos qual o verdadeiro significado das palavras “Drag” e “Queen” e fazê-los entender, de uma vez por todas, que essa também pode ser uma profissão justa e reconhecida mundialmente. Apesar dos tabus, ideologias e preconceitos, a profissão Drag Queen, está ganhando cada vez mais espaço nas mídias, podendo, por fim, mostrar sua arte e seus talentos sem medo das consequências. Produzir esse trabalho com a certeza de que os objetivos foram completamente atingidos, foi, sem dúvida alguma, nossa maior satisfação! Afinal: “Todos nós nascemos nus, o resto é DRAG”. (Born Naked, RuPaul)

6. Bibliografia

Web:

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/dicionario-drag-queen-aprenda-as-gurias-mais-usadas.ghtml>

<https://conceitos.com/drag-queen/>

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-diferenca-entre-drag-queen-travesti-e-transgenero/>

<https://www.last.fm/pt/tag/drag+queen/artists>

<https://theshoppers.com/kit-sobrevivencia-para-drag-queens-iniciantes/>

<http://maisvaidosa.com.br/olhos/cilios-e-cola.html>

<https://bit.ly/2tGbq0D>

<https://bit.ly/2N1U735>

<https://bit.ly/2Ktv0rG>

<https://www.kalunga.com.br/prod/glitter-p-pele-em-po-c-10-cores-yur/732406>

<https://bit.ly/2Ks3IOP>

<https://bit.ly/2ltxO2V>

<https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>

<https://stophomofobia.wordpress.com/2011/04/04/profissao-drag-queen/>

<https://regioesnarrativas.com.br/2014/09/02/28-ago-tipos-de-documentarios/>

<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/dia-do-orgulho-lgbt-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>

https://www.vice.com/pt_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil

<https://gente.ig.com.br/cultura/2017-08-10/drag-queens-cultura-pop.html>

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queen-e-questao-de-genero.ghtml>

Literário:

“Introdução ao Documentário” Bill Nichols (2001)

“Manual de Comunicação LGBT” ABGLT (2015)

“Cartilha de Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT” (2017)